

Crise política preocupa menos que a inflação

por Maria Christina Carvalho
de São Paulo

Os depoimentos à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que investiga a influência do empresário Paulo César Farias no governo, os maciços espaços que o assunto ocupa nos meios de comunicação e a rápida sucessão de novidades têm agitado as reuniões de diretoria das empresas. No entanto, tudo isso acaba sendo rapidamente superado nas mentes mais concentradas nos ajustes à recessão e na procura de indícios de retomada da economia.

As empresas recorrem a consultores e traçam cenários de evolução da crise. A maioria acaba descartando grandes reflexos em suas atividades e mantém a estratégia principal, que é sobreviver na recessão e adaptar-se à abertura da economia.

"Nossas metas são as mesmas: sobreviver à recessão no curto prazo e manter os investimentos, no longo prazo", disse Kiran Patel, diretor-presidente da Cummins do Brasil Ltda., fabricante de motores diesel.

A segurança está, em boa parte, ancorada na presença de Marcílio Marques Moreira à frente do Ministério da Economia. Há duas semanas, a diretoria da Cummins traçou três cenários de evolução da crise. Todos levavam à mesma direção: "A economia não deve sofrer reflexos, pois está caminhando com razoável independência nas mãos de Marcílio", disse Patel.

Há também os que se inspiram na praticidade. Admitindo que a crise política ainda vai levar muito tempo para ser resolvida e que não pode parar enquanto isso, a Oracle do Brasil Sistemas Ltda., de São Paulo, mantém seus planos de investimento, afirmou William I. Kohrs, vice-presidente da divisão latino-americana da Oracle Corporation, dos EUA, que esteve no Brasil na semana passada para acompanhar os preparativos de lançamento de um novo produto.

"A crise política é assunto para a hora do almoço. Temos que trabalhar e cuidar de nossos clientes", disse Roberto Galiassi, gerente técnico e comercial da Olimpus, fabricante de antenas para automóveis, à repórter Helena Cristina Coelho, satisfeita com a prorrogação do acordo setorial da indústria automobilística, que vem mantendo as vendas estáveis.

Walter Sacca, dirigente da Holstein Kapput, fabricante de máquinas para a indústria alimentícia e de refrigeração, observou que os negócios já não estavam bons antes da crise política. "As decisões continuam a ser tomadas. Não no ritmo que gostaríamos", afirmou à repórter Luci Moraes.

Para a Rio de Janeiro Refrescos, engarrafadora de produtos da Coca-Cola, e a Cervejaria Brahma, o principal desafio é superar as dificuldades impostas pela recessão econômica, que afasta o consumidor das compras, relatou a editora Cristina Borges. O presidente da Rio de Janeiro Refrescos, Antônio Carlos Vidigal, mostrou-se, porém, preocupado com o fato de o prolongamento da crise inibir a retomada da economia e os investimentos.

Por isso, muitas empresas estão redobrando os esforços de exportação, uma alternativa já perseguida para enfrentar a queda das

vendas no mercado interno. A Companhia Petroquímica do Nordeste (Cope-ne), do pólo petroquímico de Camaçari (BA), deve direcionar ao mercado externo cerca de 40% da produção de insumos para o setor petroquímico de segunda geração. A instabilidade política provoca, de certa forma, a instabilidade econômica, declarou o diretor comercial da empresa, Celestino Boente, à repórter Ana Rúbia de Melo.

Também a Holstein Kapput, que pretende ampliar em 20% as exportações deste ano, está investindo US\$ 15 milhões na ampliação das instalações e na compra de uma terceira fábrica. "É no momento de recessão que devemos investir", afirmou Sacca.

Empresários do setor de construção também estão tomando suas providências. A construtora Schahin Cury, por exemplo, está procurando capitalizar-se. Conforme o diretor João César Botelho de Miranda contou à repórter Sandra Gomide, a construtora levantou recursos com a liquidação de imóveis e está renegociando preços e prazos de pagamento dos materiais de construção.

(Ver página 3)